

JOÃO DE BARROS

# Presença do Brasil

*Prefácio de*  
RIBEIRO COUTO



EDIÇÕES DOIS MUNDOS • PORTUGAL • BRASIL

1 9 4 6

S|hi

via ele em 1921 («*Sentido do Atlântico*»). Acrescentava com a coragem de sempre: «*Mas que esse dia não demore muito:—corremos o risco de não nos deixarem ocupar o lugar que nos pertence na amizade do Brasil. E acreditem: não será o nativismo brasileiro o nosso pior inimigo. Outros haverá, mais poderosos. E, entre todos eles, sobranceiro a todos, o nativismo português — indolência profunda, ignorância indesculpável...*»

O entusiasmo de João de Barros pelo Brasil foi recebido primeiramente com cepticismo. Com certeza ele exagerava ao falar daquele «*prodigioso desenvolvimento material e intelectual.*» Nem se percebeu, a princípio, que nesse louvor do Brasil havia o mais puro patriotismo português. Parecia um propagandista: era só um amoroso da obra de seus maiores e dos descendentes de além-mar. (Precisamente o que se deu com Paulo Barreto, cujo nacionalismo brasileiro lhe impunha o culto de Portugal.) E

quando, em 1915, João de Barros forjou para esse entusiasmo o adequado instrumento de acção, fundando a inesquecível revista *Atlântida*, escrevia-lhe o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Soares, para louvar-lhe a iniciativa, mas aludindo à sua «*admiração, exuberante e sugestiva (ia dizer absorvente), pela grande nação brasileira*».

Absorvente, de resto, é bem a palavra que cabe empregar para o apostolado de João de Barros, desde aqueles remotos dias até hoje, sem uma falha, um desânimo, uma dissonância ou a deserção de um só dia. A *Atlântida*, que durou cinco anos, foi o primeiro largo capítulo nessa vida nova, instaurada por João de Barros e Paulo Barreto nas relações luso-brasileiras. O que se fez depois resulta desses primeiros impulsos, desse rasgar de horizontes, desse restabelecimento de compreensão afectiva da cultura comum, dessa verdadeira aproximação de espíritos de que a *Atlântida* foi o fluido anima-

dor e contagioso. Até então, é bem claro que a massa brasileira conhecia o *Amor de Perdição* e muito de Camilo, quase todo o Eça de Queiroz, bastante do delicioso Júlio Dinis. Tanto *O Crime do Padre Amaro* como *A Morgadinha dos Canaviais* eram livros vulgarizados em diversas camadas de leitores. Por outro lado, em Portugal se imprimiam os livros de Coelho Neto e se sabiam de cor alguns sonetos de Olavo Bilac (pouco mais tarde a paixão deu para Catulo da Paixão Cearense...). Mas todos esses conhecimentos, feitas as contas, não passavam de superfícies limitadas. Ter lido *A brasileira de Prazins* e não se interessar pela obra civil e militar dos Portugueses contemporâneos em Angola ou Moçambique é muito pouco. Muito pouco é também recitar *O Marroeiro* com pronúncia brasileira imitada e, no fundo, acreditar que o Brasil é o inferno dos Portugueses, como o leitor apressado pode deduzir de algumas páginas do romancista Ferreira de

Castro—que, aliás, teve a intenção de dizer outra coisa, isto é, protestar contra a exploração do labrego ingênuo e analfabeto pelos agentes de emigração nas próprias terras portuguesas.

A verdade, em que pese à efusão amável dos discursos de cortesia em mesas de banquete, é que, quando João de Barros iniciou a sua campanha, a maioria em Portugal não tinha ideia nenhuma do Brasil, mesmo e principalmente nas classes cultas, a não ser ideias falsas e, não raro, caricaturais. A este Lusitano de todos os mares é que devemos o início de uma esclarecida curiosidade, fecunda e fraterna, pelo nosso país; como também a Paulo Barreto, pela mesma época, no Brasil, é que devemos a primeira boa, veemente, constante e eficaz campanha de simpatia pelos Portugueses, vindo a extinguir-se logo depois o ciclo retórico do mata-galego.

João de Barros e Paulo Barreto, com as simples palavras que de começo pareceram palavras

ao vento, verbiagem de interesseiros ou adula-  
dores, lançaram as bases de tudo que veio mais  
tarde — e eu ia dizer recentemente. Falar de  
Portugal e Brasil depois de 1910, nisto de com-  
preensão e solidariedade, aproximação, contra-  
-ofensiva lusófila, futuro da civilização ibérica,  
sentido do Atlântico ou o que seja, é pronun-  
ciar, antes de quaisquer outros, estes dois  
nomes: Paulo Barreto e João de Barros. Aquele,  
duas vezes brasileiro, porque, ainda numa época  
de lusofobias esporádicas ou obstinadas, apa-  
rentes ou encobertas, compreendeu o que repre-  
senta para o Brasil o valor e a posição de Por-  
tugal no mundo. Este, duas vezes português,  
porque combateu o vaidoso preconceito reinol,  
o complexo de superioridade esparso no am-  
biente português, no segredo da alma de tan-  
tos Portugueses (não dos da massa, mas dos  
finos e dos doutorais); convenceu muita gente  
do seu país do malicioso erro de pensar que no  
Brasil não havia verdadeiramente «*nem cultura,*

*nem progresso, nem civilização»*; indicou os meios de se criar «*entre as duas repúblicas a intimidade de relações que a língua, as tradições, os costumes, a sensibilidade e a idêntica inspiração latina das suas civilizações irmãs naturalmente suscitam e impõem»*; reclamou iniciativas que acabaram por ser postas em prática (viagem de um chefe de Estado português ao Brasil, criação de uma cadeira de estudos brasileiros na Faculdade de Letras de Lisboa, divulgação de livros brasileiros em Portugal, etc., etc.); insurgiu-se contra o murmurado receio de uma nefasta influência brasileira em Portugal ou, até mesmo, da sua absorção por um remoto e fantástico imperialismo brasileiro; fez ver, enfim, que tudo quanto o Brasil viesse a ser, no continente americano ou no mundo, só o poderia ser em proveito material, moral e político de Portugal; e que, se é bom ser português, muito melhor é ser português *mais* a consciência de quanto o Brasil é uma projecção

da energia portuguesa «em marcha vertiginosa para o futuro».

Tão poucos anos decorridos, e que mudança nos espíritos, no Rio e em Lisboa! É lícito supor que nada do que depois se fez, nada do que, exultantes, vemos agora — sobretudo, *como e quando* se fez —, nada teria sido possível tão facilmente sem a campanha espectacular e audaciosa daqueles dois rapazes que um dia, em 1909, se encontraram em Lisboa e descobriram que seus ideais nacionalistas eram paralelos e complementares: só podiam bem servir a própria terra com os olhos postos em toda a extensão e em ambas as margens do mesmo mar: «*Atlântico Sul, mar da energia portuguesa*». (Não será permitido dizer, neste fim de 1944, que é também agora o mar da energia brasileira, tinto do nosso sangue?)



Só aos Brasileiros que de há muito conhecem Portugal será possível avaliar toda a nossa